

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	13300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 19 DE JUNHO DE 1881 — N.º 18 —	
GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO	
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	40000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

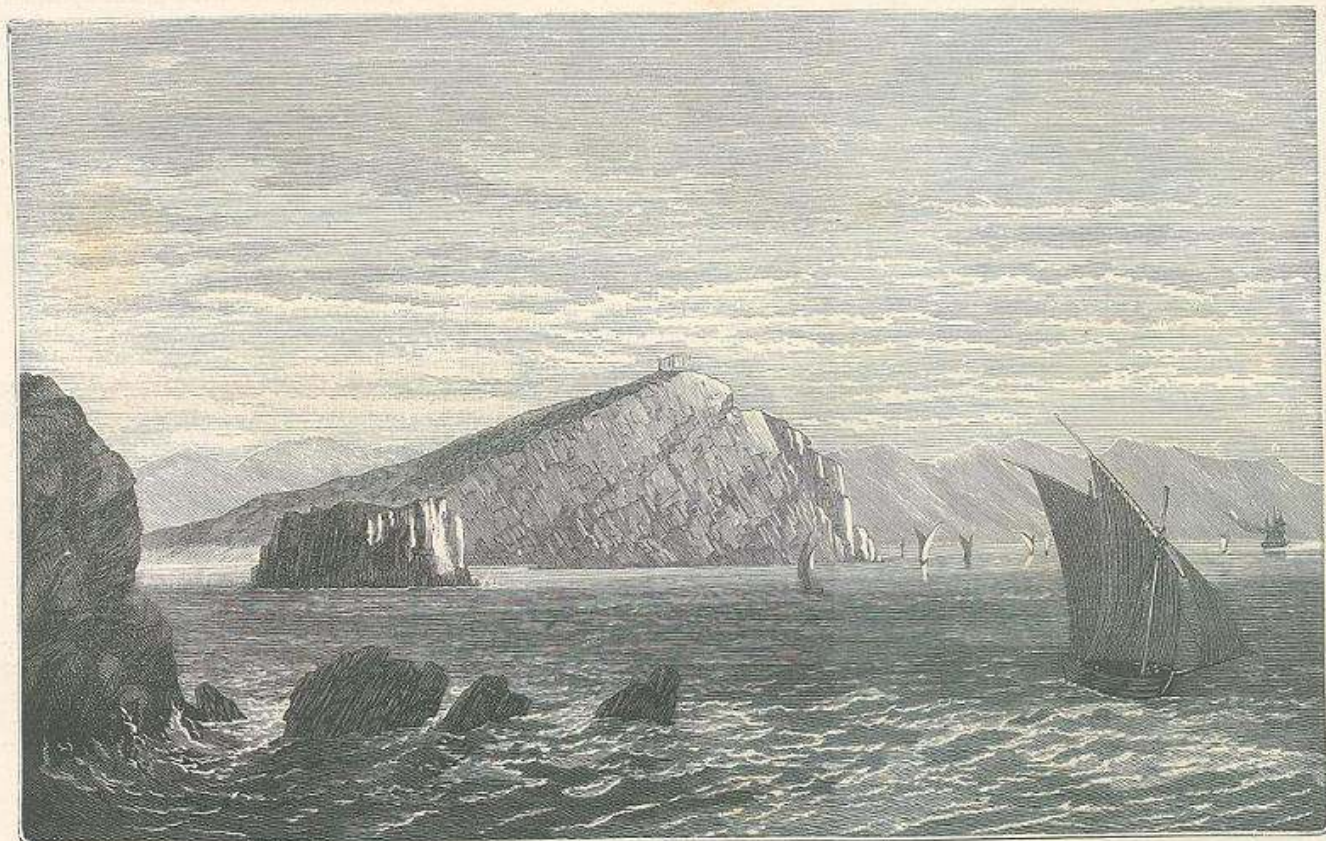
Gravuras:—O cabo Colonna; A caça ao crocodilo; O crocodilo da America; O tanque á beira da estrada; Um drama na agua.
Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Horas de ocio; Dividas do coração, trad. de Passos Valente; Rosicler; Portugal Velho, por Delphin d'Almeida; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Eu não me atrevia a dizel-o, mas quando tu o disseste, V. de D., tu que és o mais fino e o mais

que é encontrar-se um pobre diabo no meio de uma turba de entendedores, de luneta ao canto do olho, que fallam nos *smorzando*, e nos *crescendo*, e nos *diminuendo*. Em presença d'esse tur-

minha consciencia, que esse homem que acabava de tocar era um prodigioso rebequista, que esse pequenino instrumento não tinha para elle nem um unico segredo, e comtudo, sinceramente, V. de



O CABO COLONNA

original e o mais sensato de todos que fazem critica musical entre nós, quando tu o disseste, V. de D., soltei um grito de entusiasmo, e se te apanhasse á mão, dava-te um abraço apertado, um abraço de te fazer sair das costellas um rebequista, como saiu das costellas de Adão a nossa peccadora mãe, a loira Eva.

Sabes, V. de D., o que é um profano achar-se no meio de uma turba de *dilettanti* entusiasmados mais ou menos artificialmente, sabes o

bilhão de gerundios italianos, eu por mim não me atrevi senão a soltar um Ah! admirativo, um Ah! a exclamação mais alvar da lingua portugueza, segundo a expressão de José Estevão.

Pois o que havia eu de dizer, V. de D? Achava-me no ultimo concerto de Sarasate, e infelizmente não podéra assistir aos anteriores. Em torno de mim estrugiam as palmas, o entusiasmo achava-se n'uma temperatura de pyrometro Wedgood, e eu reconhecia, indubitavelmente, na

D., a noite de entusiasmo febricitante que eu fóra procurar ao Colyseu não a encontrára, e friamente dizia, accendendo o charuto da saida, para os meus amigos que faziam saltar os ultimos botões das luvas: Um grande rebequista! sem duvida alguma um rebequista de primeira ordem!

E de mim para mim murmurava: Mas decididamente sou um imbecil! Pois não é verdade que este homem toca admiravelmente? pois não é verdade que elle desfia na sua rebecca até aos mais

tenues suspiros umas notas de oiro e de crystal como as que podem vibrar nos concertos aéreos dos sylphos? Então que pretendia eu mais? Este regimen de Zola a que andamos sujeitos ter-mehia arrancado a faculdade de me entusiasmar? Está morto dentro de mim aquelle sexto sentido que Deus reservou para a comprehensão das coisas sublimes, e que nos dá gosos mais deliciosos do que os que nos podem proporcionar todos os outros juntos? Aqui está o que fez de mim a politica! Annullou-me, congelou-me! Tornou-me incapaz de comprehender os poemas que pode haver n'uma corda de rebecca, na quarta corda de Paganini! «Forte semsaborão ganhou a patria!» Façam-me regedor, ministro, ou consul como tantos consules de Caligula que por ali andam á redea solta, que já não sirvo para mais nada! E enfiava o meu *pardessus* melancolicamente, e, quando passava por ao pé de mim um amigo a bradar «Prodigioso», eu embasbacava, e dizia também: Inaudito! e accrescentava *in petto*: Não ha que ver! eston idiota!

Vieste tu, V. de D., tranquillisar-me um pouco. Também tu o sentiste, tu o espirito finissimo, o critico subtil e sabedor, também tu o sentiste! Sarasate é admiravel, trabalha em cada uma das cordas da sua rebecca como os Hanlon Lee na corda do seu trapesio, sabe dar ainda ao canto do instrumento a doçura feminina das serenatas andaluzas, mas não é o rebequista que sonhamos quando lemos o que se conta de Paganini, não é o rebequista phantastico, Hoffmannico, de que eu vi ainda, na minha adolescencia, uma encarnação singular, quando Tito Mazoni, convulso, febril, diabolico, batendo o pé no chão, torcendo a physionomia mephistophelica, fazia passar para as cordas da rebecca como que os espasmos dos seus nervos vibrantissimos de artista.

Não comparo Sarasate com Mazoni, nem me lembro bastante d'este rebequista notavel para poder comparal-os, mas incontestavelmente Mazoni pertencia a essa phalange de artistas geniaes, como Hoffmann os sonhou, como os realiso Paganini, artistas para quem a rebecca não é simplesmente o instrumento que elles tocam, mas o espirito familiar que os inspira; em cada *stradivarius* escondia-se para elles como que um demonio de Socrates que os dominava, que os arrastava consigo para as regiões do sonho e da phantasia, porque a rebecca não é um instrumento como outro qualquer, não é idyllica como a flauta, religiosa como o órgão, grave e gemedora como o violoncello, tragica como a harpa, épica como o clarim, orchestral como o piano, não, a rebecca é um instrumento mysterioso, insondavel, que tem voz e tem alma, que chora e ri ao contacto da arcada, que faz pensar e faz sonhar, e as suas cordas, que fremem quando passa por ellas o sopro incomprehensivel do genio, não são cordas, são nervos, nervos d'aquelle organismo estranho e singular que parece vibrar todo quando o agitam directamente as paixões da alma humana.

Ora Sarasate incontestavelmente possui tudo quanto se pode possuir dentro da esphera humana, a arcada e a cabelleira, a doçura trovadoresca, e a gymnastica do pulso, mas para, como um verdadeiro positivista, como um homem do seu tempo, nos limites do *incognoscivel*. Não acredita no diabo, e para se tocar bem rebecca, para se substituir, na imaginação do nosso tempo, essa visão gloriosa de Paganini, é necessario, é indispensavel acreditar no diabo. Pode não se acre-

ditar em Deus, mas é indispensavel que se acredite no diabo, é necessario que se sintam as tristezas infinitas do archanjo fulminado, como as sentia o Rudolstadt, de George Sand, nas ruínas do seu castello da Bohemia, é necessario que se penetre n'essa esphera ardente em que ha as revoltas sublimes, e as aspirações indefinidas, e os prazeres orgiacos e desconhecidos ao labio humano, é necessario ter-se estado com Fausto na noite de Walpurgis, é necessario ter chorado com Thereza de Jesus a desgraça suprema de Satanaz que já não pode amar, é necessario ter ouvido em sonhos como Tartini o diabo tocar n'uma rebecca de fogo uma sonata maravilhosa, é necessario possuir um gato preto, electrico, phosphorescente na sombra, que mia surdamente quando se faz ranger acremente as cordas da rebecca, é necessario ler Hoffmann á meia-noite, é necessario ser-se profundamente allemão, porque a rebecca é um instrumento essencialmente allemão, como a harpa um instrumento grego, a flauta um instrumento italiano, a guitarra um instrumento hespanhol, e o piano um instrumento francez, é necessario ser-se da patria de Hoffmann, de Me-phistophiles, de Luthero, de Beethoven, de Meyer-beer, e de Wagner, da terra onde as willis dançam ao luar, onde os mochos piam tristemente na Floresta Negra, e onde nas aguas do Rheno se miram os castellos povoados de lendas, e os rochedos phantasticos, onde as danças dos mortos se desenrolam nos vastos muros das cathedraes sombrias, e onde o gato Murr vive com o *homunculo* do Wagner na santa fraternidade da sciencia e da phantasia.

E o sr. Sarasate, que é um catalão, se me não engano, o sr. Sarasate, que ainda não desapareceu, como Paganini, cinco annos da circulação, cinco annos em que se não sabe se o grande rebequista esteve no céu se esteve no inferno, se esteve na cadeia ou no serrallo, cinco annos de incubação mysteriosa, cinco annos para onde entrou italiano, e d'onde saiu allemão, o sr. Sarasate, que não logra esquecer-se das ondas azues do seu Mediterraneo, sem ver que só o Oceano é que pôde inspirar dignamente um rebequista, sem ver que a rebecca é como os bu-zios das praias do mar do Norte, em cujas concavidades se aninha toda a harmonia selvagem d'aquellas ondas bramosas, o sr. Sarasate que tem uma cabelleira de tenor como se tocasse flauta, o sr. Sarasate que tem uma physionomia regular e tranquillã, e uns olhos pretos de *mala-gueña*, o sr. Sarasate apresenta-se-nos como successor de Paganini! Não, V. de D., tens perfeita razão, falta-lhe a comprehensão da tempestade, falta-lhe a comprehensão dos Oceanos, faltam-lhe os rugidos, falta-lhe o ranger das cordas, e a agitação dos nervos. Decididamente para se ser tranquillo e para se ser ao mesmo tempo artista, é necessario ter-se a organização excepcionalmente olympica de Goethe; mas, como todos sabem, Goethe foi creado por Deus n'uma momento de distracção, estava a conversar com S. Pedro, e em vez de pegar n'uma pouca de argila da terra, agarrou n'uma pouca de massa cosmica, e fez Goethe, como quem podia fazer uma estrella. Goethe desabou na terra como um aerolitho, e foi assim que elle pôde conceber tranquillamente as Margaridas, e as Mignon, e os Faustos, e os Goet, arrancando da cabeça, como Jupiter, essas creações que arrancam aos outros artistas a carne e o sangue do coração.

Tens razão, V. de D., Sarasate é um artista unico, extraordinario, mas não é o Paganini que sonhamos. Não é bem um rebequista, é um guitarrista com arco, um guitarrista prodigioso, um guitarrista sem rival. É o que elle é, V. de D., mas o lugar de Paganini ficou ainda por preencher.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CABO COLONNA. — Este nome não desperta nem a mais leve recordação no espirito do leitor. O cabo Colonna? O que vem a ser isso? Algum dos muitos promontorios que recortam a parte meridional da peninsula italiana? Não, leitores, não! o cabo Colonna é na Grecia, e o seu nome antigo, o seu nome classico, é... descobri-vos, leitores... é o cabo Sunium!

O cabo Sunium! Ouvistes bem, leitores? No alto d'aquelle promontorio, onde se eleva ainda um templo de columnas jonicas, sonhou, seismou Platão. Alli soltou elle dos seus labios o verbo sublime da immortalidade, alli reuniu elle em torno de si os seus discipulos, e alli lhes ensinou as grandes doutrinas, que, depois de terem sido o encanto e o ideal do mundo antigo, depois de terem confundido o seu mel nos labios de S. Paulo com o perfume das rosas do Evangelho, ainda foram presidir no mundo moderno á resurreição da humanidade com os seus ideaes generosos e amplos, á maravilhosa aurora de Renascença.

No alto d'aquelle promontorio estava o templo de Minerva, junto do templo a cidade. Vieram os barbaros da Asia, mais felizes com Mahomet, perante os imperadores byzantinos, do que o tinham sido com Xerxes perante os Milcides e os Themistocles da velha Grecia classica. Amontoaram-se as ruínas sobre as ruínas, desapareceu do solo a cidade e da memoria dos gregos a tradição do seu nome. Apenas umas columnas do templo se ergulam para attestar que alli passara e se affirmara perante a vastidão do Archipelago uma grande civilização, e os marieiros, ao verem de longe as columnas estroncadas, chamaram ao cabo o cabo Colonna. E foi esse o nome que ficou. E apesar de todos os progressos da civilização, da reconstituição da tradição grega, ainda hoje predomina na geographia official e extra-official o nome posto ao promontorio por esses rudés marieiros venezianos, sobre o nome que Platão mil vezes proferiu com os seus labios de mel, o nome sonoro que o grande philosopho immortalizou, ao immortalisar-se a si proprio!

A CAÇA AO CROCODILO. — O CROCODILO DA AMERICA. — Fazemos hoje uma verdadeira viagem á roda do mundo. Estivemos na Grecia, volte a pagina, encontra-se na America, na Luiziania, se nos faz favor. Nos pantanos insalubres d'esse riquissimo paiz habitam dois monstros formidaveis, a febre amarela e o crocodilo ou o *alligator*. Ambos são hediondos, mas o *alligator*, monstro menos allegorico, tem incontestavelmente um aspecto medonho. Tende a desaparecer felizmente como todos esses monstros que são os restos da criação ante-diluviana. A natureza hoje só a muito custo produz esses horribes esboços.

Comtudo o *alligator*, apesar de terrivel, caça-se com uma facilidade extraordinaria. Os negros principalmente chegaram n'esse ponto a uns me-

thodos de uma perfeição raríssima. Devemos notar que o *alligator* adora o preto, e o preto detesta o *alligator*. Esta paixão mal correspondida explica-se facilmente, logo que se souber que o *alligator* adora o preto, mas é debaixo do ponto de vista gastronomico. Acha-o saboroso, e o preto que se não lisonjeia com isso, e que demais a mais lhe não pôde pagar na mesma moeda, porque a carne do *alligator* é simplesmente detestável, — em podendo dar cabo d'elle não hesita nem um instante. O modo como o caçam ou antes como o pescam é simplissimo, reduz-se ao velho methodo do anzol e da isca. Mas o anzol é uma ancora, e a isca são uns poucos de kilos de carne. O *alligator* que é voraz, salta na carne, engole a foga juntamente e elleahi vai a reboque. Então um preto introduz-se delicadamente por baixo do ventre do *alligator*, procura o sitio do coração, enterra-lhe a foga e o *alligator* passa d'esta para melhor vida. Devemos notar que esta viagem á roda do ventre do crocodilo por fóra, é preferida em geral pelos negros á mesma viagem... por dentro. Os crocodilos são de uma opinião inversa. Tudo depende dos pontos de vista.

Outras vezes o preto salta para as costas do *alligator*, e mimoseia-o com uma facada de cima para baixo, em vez de ser de baixo para cima. O *alligator* não discute essa questão de fôrma, e morre da mesma maneira.

O TANQUE Á BEIRA DA ESTRADA. — Um quadro delicioso de Peter Moran. Estamos na Europa, é claro. Assim o denuncia a tranquillidade da paisagem. É um dia de calor como este em que o leitor está vendo a gravura. O lavrador interrompeu o seu trabalho para levar á agua os cavallos fatigados! Nada mais! Uma scena vulgarissima da vida campestre! Mas como o quadro respira serenidade e paz! Como se sente que lá no campo o calor faz gretar a terra, e cair as aves dos ramos; aqui porém a agua espalha em torno de si uma frescura deliciosa. Que mais é preciso dizer? O quadro ahí está. Querer traduzil-o, seria, como dizia Castilho, mostrar um panno de Arras pelo avesso.

UM DRAMA NA AGUA. — É um drama verdadeiro que se poderia intitular: *Primus gaudet*. Temos as peripecias inesperadas, o desenlace commovente, a salvação da virtude, e a punição do crime. Não falta nada. *Plaudite cives!*

A scena passa-se n'um rio de Guayana. Saltamos como se vê, para a America do Sul. Desliza nas aguas um barco onde vai um viajante europeu. Ouve-se de subito um estalar de ramos, e um veado magnifico salta de um pulo para o meio da corrente. O viajante leva a mão á espingarda. Não lhe pode escapar tão formosa presa. Mas quando vai a desfechar para estupefacto. Um jaguar, um tigre e da America, salta em seguida ao veado, e persegue-o. Então o viajante contempla a caçada no rio, com a mão no gatilho para intervir no momento necessario. A scena é impressionadora, mas uma nova peripecia a torna mais dramatica ainda. Ouve-se um grito tremendo de angustia e de raiva. E' o jaguar que sente de subito as pernas presas pelas monstruosas garras de um crocodilo. Debate-se, a resistencia é impossivel. Os dois animaes desaparecem debaixo da agua, e o jaguar que esperava regalar-se com um bom bocado vai servir de prato ao seu hediondo adversario.

Depois de ter assistido com interesse a essa scena final de tragedia, o viajante lembra-se de que ficou só com o veado, e que é tempo de tractar tambem dos seus proprios interesses. Volta-se com a mão no gatilho, mas só vê ao longe no horizonte da floresta a armação do veado que vai desaparecendo. Como pode imaginar-se, o veado não tivera a curiosidade de saber como fundaria a lucta entre os dois monstros. Enquanto o jaguar e o crocodilo desciam ao fundo da agua, enquanto o caçador contemplava a scena, o veado cortava com rapidez a corrente do rio, e ia procurar paragens mais hospitaleiras.

Por isso, como o veado, entrando primeiro em scena, e devendo ser portanto a primeira victima, aproveitou com os novos incidentes que appareceram, dissemos que o drama se podia intitular *Primus Gaudet* e não *Tertius Gaudet*.

HORAS DE OCIO

PROBLEMA GEOGRAPHICO-HISTORICO

Tirando uma letra a cada um dos seguintes districtos portugueses:

Vizen, Faro, Lisboa, Funchal, Evora, Ponta-Delegada, Braga, Portalegre, Aveiro, Coimbra, Santarem

Formar o nome de um heroe portuguez do seculo XVI.

*

PERGUNTA INDISCRETA

Qual é a cidade portugueza onde a legislação era d'antes mais alegre?

*

ENIGMA

Qual é o mez mais pequeno do anno?

*

ANAGRAMMA

Só c'o chassoz-trouvez de duas letras
De uma insignia por todos invejada,
(Que tu em vão, principe ou duque, impetras,
Se faz de um pobre a humilissima morada.

Solução dos problemas do n.º 16

PROVERBIO DOBRADO

Bens de sacristão cantando vem, cantando vão.
Nem por muito madrugár se amanhece mais cedo.

*

ENIGMA

Demanda.

*

PARONYMIA

Bardo, Cardo, Dardo, Fardo, Nardo, Pardo, Sardo, Tardo.

*

PROBLEMA ARITHMETICO

Eram 17 homens, 11 mulheres e 72 crianças.

*

PERGUNTA INDISCRETA

Conjugar um verbo qualquer, porque tem a certeza de encontrar um futuro.

Soluções certas

Proverbio dobrado. — A. Z. (Lisboa). — Vasco (Coimbra). Este ultimo só adivinhou o primeiro proverbio.

Enigma. — A. Z. (Lisboa). — Vasco (Coimbra). — J. M. de Sousa (Lisboa). — D. Benedicta Barros (Setúbal).

Paronymia, A. Z. (Lisboa). — D. Benedicta Barros (Setúbal). Zephyro (Lisboa). — Ardo (Cintra). — Vasco (Coimbra).

Problema arithmetico. — A. Z. (Lisboa). — Um official inferior do infantaria (Lisboa). — Vasco (sem indicação de terra). — Vasco (Coimbra). — D. Benedicta Barros (Setúbal). — Zephyro (Lisboa).

Pergunta indiscreta. — Não tivemos respostas.

Explicação do enigma publicado no n.º 13:

Nunca falta um cão que nos ladre.

D. SABINO DE GOICOECHEA

DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 131)

Não encontro côres na palheta, e é muito tosco o meu pincel para pintar — que digo eu? — para poder esboçar este quadro todo carinho, todo amor, todo paixão, sem que haja n'elle uma unica figura, um unico traço que o desmanche.

O coronel Baeza, de pé, contemplava profundamente commovido o grupo formado pela mãe e pelo filho, cujos corpos se confundiam n'um estreito abraço, cujas almas se confundiam n'um mesmo pensamento.

A mãe era toda filho, o filho era todo mãe.

Alberto deteve-se, encostado á hombreira da porta, sem se atrever a entrar nem a pronunciar uma unica palavra que podesse tornar menos eloquente e sublime esta scena, em que as bocas se calaram para deixar fallar os corações.

Duas lagrimas que lhe rolavam pelas faces diziam muito mais do que quaesquer palavras o poderiam fazer.

No silencio que reinava n'aquella pobre estancia, frouxamente illuminada por uma miseravel vela de cebo, deixavam-se ouvir claros e distinctos os soluços da mãe, e a respiração soffocada do filho.

Além d'isso, nada! Nem um grito, nem um ai! nada enfim que interrompesse aquelle silencio incomparavel.

Passou algum tempo antes que a mãe podesse soltar um ai, que desse a conhecer que a força vital, reconcentrada até então no coração, se ia espalhando por todo o corpo.

O coronel julgou chegado o momento de poder communicar-lhe a agradabilissima noticia, e disse-lhe no tom mais indifferente, que lhe foi possivel arranjar:

— Luiz de Urbietá está perdoado, e em completa liberdade.

Maria sacudiu a cabeça, occulta até aquelle momento entre as dobras do capote do filho, e cravando no coronel os seus formosos olhos negros, repletos de uma doçura celestial, e de um amor puro em que se reflectia um mundo inteiro de gratidão, exclamou:

— Senhor, a quem abaixo de Deus, devo eu?...

Antes de acabar a phrase, o coronel designou-lhe com o dedo o filho, que permanecia ainda immovel no vão da porta. Maria agarrando na mão de Luiz arrastou-o com uma força sobrenatural até junto de Alberto, exclamando:

— De joelhos, de joelhos, filho, ante o teu anjo salvador! Que Deus queira conceder-te um dia a suprema felicidade de poderes pagar-lhe a *divida do coração*, que acabas de contrahir.

Pouco depois, o coronel Baeza escrevia no fim da sua carta o seguinte post-scriptum:

«Dizia-te, minha querida Clara, que o nosso filho é valente entre os valentes.

«Ainda é melhor do que isso. Ainda possui outra qualidade que o torna muito mais digno de ti.

«É bom entre os bons.»

II

O combate da Ponte de Bolueta

O exercito carlista, composto de um esquadrão e de dois batalhões de navarros, sob o commando do general Maroto, foi atacado nas suas posições de Arrigorriaga, na manhã de 11 de setembro de 1833, pela vanguarda do corpo do exercito isabelino, commandado pelo general em chefe D. Baldomero Espartero.

Ou porque os carlistas fossem surpreendidos pelo imprevisto do ataque, ou porque soubessem que atraz da vanguarda seguia o resto do exercito inimigo, composto das columnas de Ezpeleta e

de Evans; o certo é que o futuro conde de Luchana conseguiu apoderar-se das posições inimi-

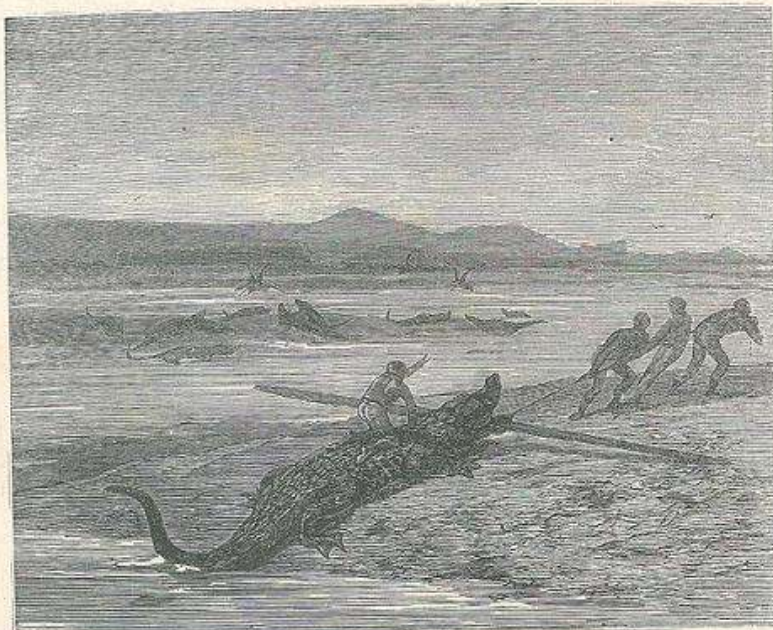
gem sobre o inimigo, o general Espartero dispoz-se para regressar a Bilbão, d'onde havia sahido; com tanta mais razão que teve noticia, pelos prisioneiros, de que o grosso do exercito carlista, com D. Carlos á frente, havia sahido de Durango com direcção a Bilbão.

Poz-se pois em movimento, dispondo as forças em sentido opposto ao adoptado pela manhã, isto é, formando a vanguarda a columna de Evans, a de Ezpeleta o centro, e a d'elle a rectaguarda.

Apenas começou a retirada, as tropas carlistas, que até então tinham estado retrahidas, carregaram impetuosamente sobre a columna do general Espartero, sem que lhe dêssem o tempo preciso de poder organisar as suas forças em linha de batalha.

Não pensou ao principio o general isabelino senão

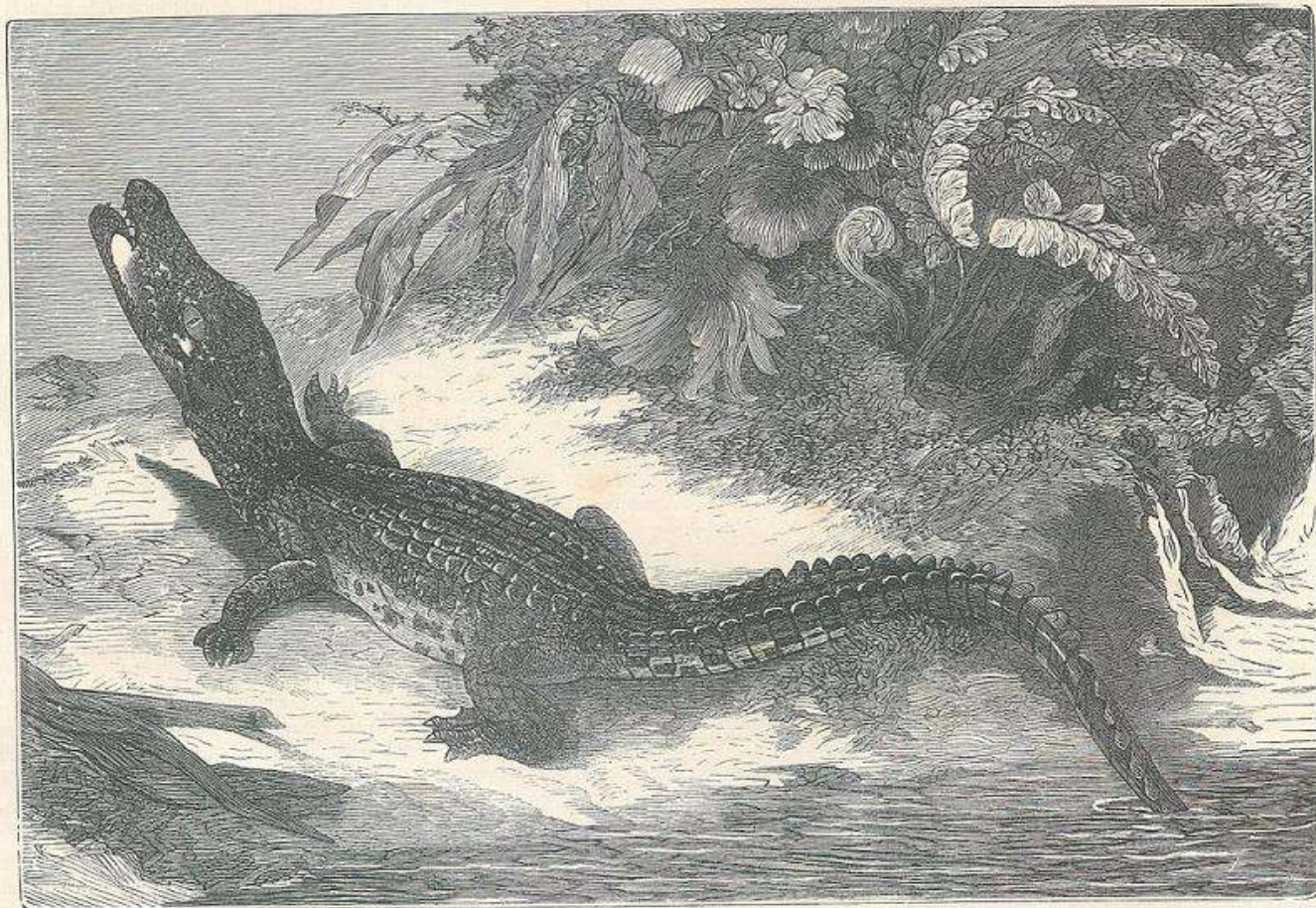
em defender a retirada, na esperanza firme de que tanto Ezpeleta como Evans avançariam apenas tivessem conhecimento de que estava empenhada a acção.



A CAÇA AO CROCODILO

gas sem grande custo, tomando depois de um fraco fogo de fusilaria a casa fortificada em que se havia entrincheirado uma companhia de carlistas.

Poucas horas depois de alcançada esta vanta-

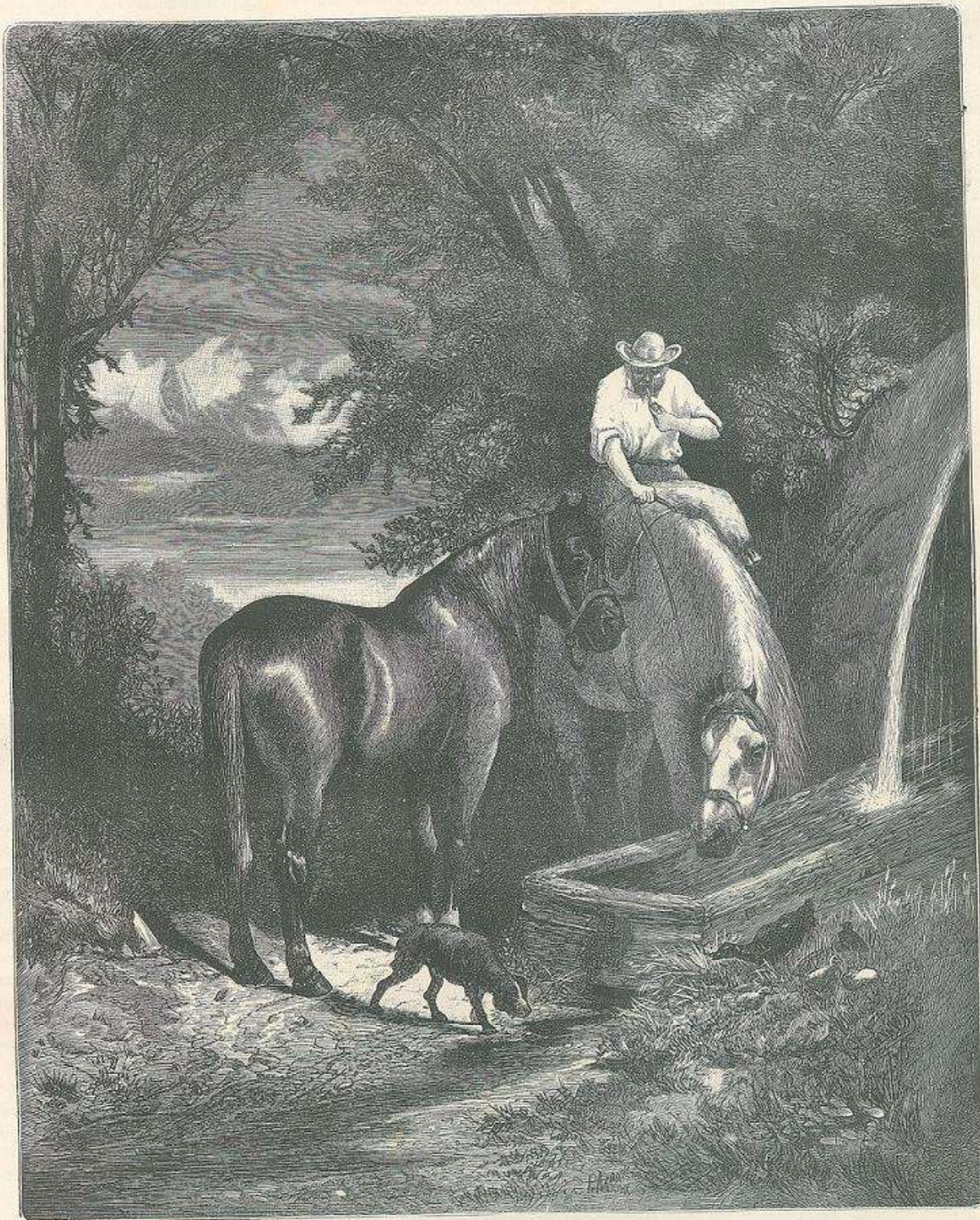


OS CROCODILOS DA AMERICA

Porém estes dois generaes, confiados em que, depois da victoria tão facilmente alcançada pela manhã, o exercito inimigo não teria nem o valor nem as forças sufficientes para atacar o seu vencedor, dirigiram-se para Bilbão, sendo elles proprios surpreendidos ao serem atacados por uma

gando sempre que em breve veria reforçadas as suas forças pelas do centro, quando ao chegar ao alto de Ollargan estendendo a vista pela estrada, ficou tristemente desenganado ao ver que o unico ponto por onde deviam passar as suas tropas se achava em poder do inimigo.

punha a abrir caminho por entre as tropas inimigas, que se haviam apoderado da estrada, o general, que conheceu ter chegado o momento de morrer com gloria, arremetteu de espada em punho á frente do seu estado maior contra o grosso do exercito carlista.



O TANQUE Á BEIRA DA ESTRADA

columna inimiga, de que não tinham noticia, e com tal impeto que apenas tiveram o tempo necessario para entrar na cidade, e não sem algum prejuizo.

Espartero seguia batendo-se em retirada, jul-

Comprehendeu o terrivel da sua situação, sem porem o dar a conhecer aos seus; defendeu o terreno palmo a palmo, até queimar o ultimo cartuxo.

Emquanto que a columna reconcentrada se dis-

Uma descarga cerrada dizimou parte dos que marchavam a seu lado, e elle mesmo foi ferido n'um braço.

A esperança, que até áquelle momento havia animado o ardor do soldado isabelino, crendo que

mui brevemente seria soccorrido pela columna Ezpeleta, tornou-se em desalento, ao conhecer a triste realidade. Deu-se a voz de «salve-se quem puder», e o que até então tinha sido exercito disciplinado, tornou-se uma multidão de homens debandados, que não escutavam outra voz de commando, nem tinham outra lei que não fosse o desejo de fugir a uma morte mais que provavel.

Uma companhia de caçadores sustentava ainda impavida o fogo contra o inimigo. Quando aquelles valentes transpuseram o cume do monte de Ollargan e viram a derrota completa dos seus companheiros, espalhou-se tambem entre elles o pavor e a indisciplina; tornados porém a si d'aquelle primeiro movimento de indecisão, graças ás vozes de commando do seu chefe, formaram, sem que um só faltasse, em columna de batalha, dispostos a vender caras as vidas.

Era imponente e grandioso o espectáculo que apresentava aquelle grupo de homens! Com as espingardas inclinadas, as bayonetas armadas esperavam todos só a voz do seu commandante para correrem a matar e a morrer.

(Continua).

ROSICLER

Temos hoje o prazer de publicar n'esta secção uma poesia *inedita* de Fernando Caldeira. Duplamente temos pois de agradecer ao eminente poeta o dar-nos para este *rosicler* tão mimosa joia, e dar-nos além d'isso as primicias da sua publicidade.

Inserimos-lhe até o *envoi*, que essa é que Fernando Caldeira não esperava. Como veio a poesia, até podiam vir as pragas.

E sabem porque foram as pragas? Porque o obrigámos a copiar os versos!! Madraço! Copiar os seus versos devia ser para Fernando Caldeira uma delicia como para uma mulher formosissima o ver-se ao espelho.

CONFIDENCIA

No alhum de D. E. M.

Hei de aqui deixar-te uns versos!...
E depois, se m'encontrares,
como evitar os olhares
d'esses teus olhos perversos,
quando te rires de mim?
— Isso sim!

— E depois eu sou tão triste!...
Contar-te penas não devo,
tenho medo; não me atrevo,
que tu de certo sorris-te
ao ver as penas que são...
— Isso não.

— Olha; eu namoro uma estrella.
Mas vê, que fatalidade!
Entre nós a immensidade!
Eu n'este mundo a ser d'ella!
Ella no espaço sem fim!...
— Isso sim?!

— É certo! E sou desgraçado!...
Sob esta apparencia calma;
mal sabes, no intimo d'alma,
quantas vezes me ha tentado
uma fatal tentação...
— Isso não.

Dizes que não?! Pois tu pensas,
que a espuma, que lambe á vaga
o vento, o vento lh'a traga
lá das amplidões immensas?
Fugiu-me a esperança assim.
— Isso sim!

— Ah! tu não tomas a serio
minha triste confidencia!...
Cuidas, talvez, que é demencia
ter em pleno azul sydereo
a noiva do coração!...
— Isso não.

— Às vezes quasi acredito,
que, apesar de ser estrella,
quem sabe, se ao ver-me a vê-la,
não sente lá no infinito
morar tão longe de mim.
— Isso sim!!!

— Enfim, já agora sou d'ella.
Mas faço-te um juramento:
«se cá no meu firmamento
«coubesse mais de uma estrella,
«eras da constellação.»
— Isso não.

Lisboa, agosto, 71.

FERNANDO CALDEIRA.

Meu caro Pinheiro Chagas:
Com mil demonios ahí vão.
Vão só os versos; as pragas
isso não.

PORTUGAL VELHO

I

O LUXO

Já sabemos como o bom rei D. João I se empenhou, com paternal solicitude, em obrigar os leaes portuguezes a serem modestos e comedidos nas despesas com o ornamento das suas pessoas, e até das suas bestas. El-rei D. Afonso V, herdando com o throno a mesma austeridade de idéas, revalidou a lei de seu glorioso avô, toda inteira, sem exceptuar as severas penas contra os infractores. Enquanto suas reaes pessoas se occupavam gravemente d'este assumpto, o diabo ria como um doido: ria o diabo, porque é velho, conhece o mundo ha muitos annos, e de mais a mais é fino como um coral. Viu logo com os seus olhos de Lince que a lei havia de ser fatalmente desacatada, feita em farrapos por outra lei superior, irrevogavel. Á proporção que a riqueza geral fosse augmentando, por força haviam de apparecer as manifestações d'esse facto: haviam de augmentar os commodos, os regalos, as vaidades, tudo isso a que se chama luxo.

O diabo não se enganou.

No tempo de D. João II congregaram-se em Evora as celebres côrtes de 1481; e o braço popular que fez n'esse auto memoravel a principal figura, ralhou zangadissimo contra os janotas, accusando não só os cavalleiros e escudeiros, mas geralmente todo povo así ricos como procos com grande disulugam e devasidade vestirem cada hu os panos que lhe apraz e trazerem traços que a elles nom pertencem. Os bons dos procuradores não se oppunham a que os grandes e os fidalgos vestissem brocados e sedas, porque esses, como quer que lhes pouco proveito traga, ainda passaria com mostrança de maior onestidade, mas o que não podiam levar á paciencia era que a outra gente meada e meada os procurasse imitar. Parecia-lhes isso hua grande devasidade e causa de grande scandallo, e os homes e mulheres stragom por ello suas fazendas fora do ordenado.

Attendendo, diziam elles, os que as pessoas nom sam conhecidas de callidade que sam, pediam a sua Senhoria que defendesse o uso de doirados e prateados, salvo aos fidalgos, e que estes mesmos querendo trazer prata ou ouro fosse fino.

Que fizesse sua Senhoria ordenação e regi-

mento dos pannos que deveriam usar nos vestidos os fidalgos e suas mulheres, de modo que houvesse differença de fidalgo a fidalgo e cavalleiro a cavalleiro, etc. E todo o petimetre que andasse vestido fóra da ordenança de sua Senhoria, fosse engaiolado na cadeia, perdesse a fatiota e pagasse as custas.

Nem mais nem menos.

Acrescentavam ainda os illustres procuradores, em nome dos povos, cujos representantes eram, que os escudeiros e outra gente limpa, como por exemplo os mercadores, vestissem londres, e d'ahi para fundo; e os de officios mecanicos e outra gente de baixa mão, esses e suas mulheres vestissem bristol, e d'ahi para baixo qual panno quizessem, sendo-lhes defeso trazer borzeguis, cervilhas, pantufos ou chapens. Que nenhum homem d'estes podesse usar barrete superior a cem réis; que os cintos fossem do mesmo preço, e não trouxessem sapatos corados, mas sómente pretos.

Que nem homem nem mulher da referida classe podesse usar de panno francez nas camisas, nem as mulheres nas coifas: que tambem a estas fossem prohibidos golpes nos saios ou vestidos, cordões de retroz, atacas de fitas e chaplús.

Quanto á gente de lavoura deveria vestir nos dias de trabalho, os homens burel pardo e fustam, e as mulheres alfardas de linho; nos dias sanctificados ou quando fossem ás cidades e villas, a feirar ou em festa, poderiam os homens vestir bristol e as mulheres trazer veos, mas sem nenhuma seda, não sendo permittido a qualquer dos sexos outro calçado senão sapatos pretos ou brancos.

Concluiam os procuradores pedindo que ás mulheres publicas na mancebia fosse defeso trazer outro panno mais que o de varas, com tanto que não fossem varas de londres; e o mais fino deveria ser até condado, e que não trouxessem chaplús, nem veus de seda, nem botinas, nem mantilhas, nem mantos de berneo, mas andassem em corpo, com veos ou exaravias agafradas, por tall que sejam conhecidas e entre as boas mo-lheres e ellas aia differença.

Sua Senhoria, ou Alteza, ¹ deferindo aos outros pedidos, como diremos, fez ouvidos de mercador quanto ao ultimo. Nem palavra!

N'este ponto foi muito mais desenganado el-rei D. Pedro I, porque tendo-lhe tambem os procuradores dos povos requerido, nas côrtes d'Elvas, anno de 1361, para que as aberragadas trouxessem seus vestidos sternados e desvaierados das mulheres casadas, o rei limitou-se a responder, com grande simplicidade e bom senso: que tragam suas vestiduras como as poderem aver, porque perderiam muito em os panos que tem feitos e nos adubos que em elles tragem.

Voltando a D. João II, notaremos que a sua resposta foi tão concisa, quanto havia sido pavoroso o requerimento dos procuradores. Prohibiu o uso de brocados e bordaduras a todas as pessoas, homens e mulheres, de qualquer estado ou condição que fossem. Determinou, que podessem usar seda nos gibões e carapuças, sómente os escudeiros e d'ahi para cima, bem como os moços da camara, pagens de fidalgos, officiaes d'armas, cantores e menestreis, sendo tambem só a esses permittido o uso de pannos de lá finos, de sorte de menin para cima. Suas mulheres poderiam

¹ No documento que temos á vista empregam-se ambos os tratamentos, sendo todavia o primeiro mais frequente.

também usar de eguaes fazendas. Que nenhum homem que andasse a pé trouxesse burzégas. E mais não disse.

A referida ordenação deveria começar a ter effeito desde o ultimo dia do mez de outubro do anno de 1483.

No artigo seguinte promettemos apresentar aos nossos leitores alguns figurinos d'aquella epoca, assim das mais elevadas classes, como das mais infimas.

DELFIN D'ALMEIDA.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

FOR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 135)

Após uma hora de repouso, a caravana poz-se a caminho. Nas suas minuciosas previsões, Yegor tinha contado com as fortes geadas de setembro, capazes de consolidar os terrenos, quinze dias antes completamente impraticáveis.

A região offerecia uma serie de ondulações muito pronunciadas. Grandes arvores, entre as quaes dominava o pinheiro, cobriam as alturas. Os vales estavam cavados pela acção das aguas pluvias. Do lado do norte viam-se ao longe os pincares agudos e cobertos de neve de uma cadeia de montanhas.

Para passar o Aldan, era necessario uma embarcação chata e recorrer ao auxilio dos indigenas, visto como o rio não tinha menos de mil e quinhentos metros de largura. Atravessado o rio os viajantes armaram pela primeira vez uma tenda de forma quadrada, feita de pelles, a que na linguagem do paiz se dá o nome de «pologo»; era uma aquisição do sr. Lafleur em Aldanska, que devia ser transportada bem enrolada no fundo de carroça, e mais tarde n'um trenó.

Tiraram-se dos sacos alguns viveres, e para que a improvisada refeição se pudesse dizer deliciosa, faltou apenas um bocado de alegria — apesar dos esforços empregados pelo sr. Lafleur para desanuviar o espirito dos seus amigos. Os cavallos primeiramente atados com a cabeça levantada para não comerem a herva gelada, foram postos depois em liberdade.

Yegor e Nadege tinham sobrada razão para estarem cuidadosos.

O chefe de policia escapara aos tiros de Yegor com a certeza absoluta de que o passeio a Aldanska constitua os primeiros passos de uma tentativa de evasão a través da Siberia. Por outro lado, o seu capacete atravessado por uma bala era a prova manifesta de um assassinio frustrado. Porque motivo attentaria o secretario do governador contra a vida do chefe de policia, se a presença d'este não fosse um obstaculo aos seus projectos?

E desde que ponde sahir sem risco do lugar, em que se tinha escondido, Yermac principiou a procurar o seu cavallo; ouviu-o rincar varias vezes, e percebeu que o animal estava abandonado; avistou-o ao longe, errando ao acaso, ora aproximando-se d'elle, ora afastando-se como tomado de susto. Procurou apanha-lo; mas faltavam-lhe as forças. De Yakutsk trouxera apenas alguns biscoitos, e esses mesmos estavam na mala atada á sella do cavallo. Rehaver o animal era pois uma necessidade imperiosa.

Felizmente o cavallo acabou por conhecer o dono, e correu para elle. Mas eram já decorridas mais de tres horas desde que os fugitivos tinham partido. Apesar d'isso, o chefe de policia resolveu ir-lhes na pista: quando chegasse a Aldanska, pensava elle, procuraria um mensageiro de segurança para comunicar ao governador a evasão do deportado e pediria uma escolta de cosacos.

Voltemos aos nossos fugitivos e ao valente homem que os ajudava.

Depois de tres horas de descanso, tinham-se posto a caminho novamente. Deante d'elles só havia pantanos; a herva verde, as collinas tornavam-se raras. O céu encobriu-se; cahiu neve, — a primeira do outono — e o thermometro desceu a dois graus abaixo de zero. Quando tornaram a armar a tenda, foi-lhes necessario accender fogo. Tiveram de passar varias correntes de agua, a mais rapida das quaes era o Tukulane. Ao longe, nos estreitos vales dos Verkho-Yansk, ouviam rugir uma torrente. No dia seguinte atravessaram-na a vau. Esta operação não se fez sem grande fadiga, mas, chegados ao fim, estavam fóra dos pantanos, e aproximavam-se dos Verkho-Yansk — da salvação!

A medida que iam caminhando, as arvores, até então raras, tornavam-se mais espessas; cresciam choupos enormes, e nos terrenos secos os cedros misturavam-se com as betulas e pinheiros. Havia n'esses bosques grande abundancia de caça; o sr. Lafleur e o pequeno Ladislau — que era um habil atirador — dispararam alguns tiros com excellentes resultados.

Aventuraram-se finalmente á passagem da formidável cordilheira. O vento soprava rijo, e augmentava as difficuldades da empreza.

A carroça rodava a custo por entre os pedaços de rochedos que estavam dispersos pelo estreito caminho. As ascensões d'aquellas ingremes encostas eram em extremo perigosas. Os fugitivos contorneavam massas enormes de rochas de schisto negro completamente escalvadas, cujos vertice attingiam uma altura de mais de cem pés, e caminhavam por cima de abysmos profundissimos. Era-lhes muito difficil lutar com as rajadas de vento, que se enfurecia cada vez mais n'aquella especie de corredor, que iam seguindo. Sahidos d'ahi, o sr. Lafleur aconselhou a Yegor que descansassem em um sitio abrigado debaixo de dois grandes rochedos, para que Nadege e Ladislau recuperassem forças. Adoptado este alvitre, parou a caravana, e ataram-se os cavallos ás arvores.

Enquanto a rapariga e o irmão tiravam alguns viveres do sacco, Yegor, Lafleur e o yakute Tekel escalavam os flancos da montanha para se orientarem. Chegaram a uma estreita plataforma, agitada vigorosamente pelo vento. Na recta-guarda o monte inclinava-se ameaçador; sobre suas cabeças corriam nuvens grossas, carregadas; não muito longe roncava uma torrente, cuja voz era trazida pelo ar agitado.

D'esse ponto culminante avistavam elles, como que por detraz de uma cortina repentinamente corrida deante de seus olhos, a orgulhosa cadeia de montanhas estendendo-se até onde a vista podia alcançar, assemelhando-se ás vagns gigantes de um oceano cavado pela tempestade, subitamente condensadas, e postas outra vez em movimento pela vertigem de um olhar desvaído.

Era arrebatador o aspecto d'essas massas enor-

mes, negras de arvores septentrionaes. Os altos cumes carregados de neve, os desfiladeiros escuros visitados frequentemente pelo raio, as paredes escarpadas, inacessíveis, opprimiam o coração, gelavam o sangue, desvaíavam a razão. E por baixo d'aquelle céu de chumbo estendiam-se indefinidamente as montanhas paralelas com as suas raras planuras tapetadas de hervas, as ramificações dos vales tristonhos que demoram por entre gargantas estreitas, os abysmos insondáveis, as brechas d'onde subia em fumo azulado a espuma das quedas d'agua, e os circuitos incommensuráveis, e os vertices escalvados, e os picos agudos...

O recinto era lugubre, triste, sombrio, mais do que tudo isto, era sinistro: parecia talhado de molde para a perpetração de um crime.

De repente o yakute avistou para as bandas, que os viajantes tinham percorrido, um homem a cavallo, avançando com difficuldade, lutando obstinadamente contra o vento, que soprava rijo. Mostrou-o aos dois europeus.

— Oh! meu Deus! exclamou o sr. Lafleur, é o chefe de policia.

— Melhor! não ponde deixar de dizer Yegor, repentinamente livre de um grande peso.

— Melhor! Será muita caridade. Mas elle dirige-se para onde está Nadege. Talvez até nos tivesse visto... Decididamente, que querará este homem?

— Ora! Não o commoveu a nossa desventura, nem se apiedou da nossa miseria! murmurou Yegor. Quer a minha vida e a d'aquellas pobres creanças que roubei á oppressão, á infamia.

Mas o chefe de policia foi obrigado pela força do vento a continuar o caminho a pé, conduzindo o cavallo pela redea.

— Que vai fazer, meu pobre amigo? perguntou o parisiense a Yegor.

— O que fazia o sr. Lafleur no meu lugar? respondeu elle com a maior anciedade.

Lafleur fez gestos de quem toma uma deliberação.

— Eu cá não estava com meias medidas, replicou elle, com um tom, em que se não podia notar a mais pequena hesitação. Eu dizia: já que este homem ateimou em perder-me... já que é preciso que um de nós morra... pois bem, morra elle.

— Mas soffri tanto, sr. Lafleur, quando julguei que o tinha morto!

— Razão ainda mais forte: é seu dever!

Em quanto fallava, o mestre de dança fez um signal a Tekel. Indicou-lhe um enorme pedaço de rocha, suspenso na borda da plataforma; um abalo forte podia facilmente arranca-lo e precipital-o. O yakute comprehendeu immediatamente que se tratava de dar cabo de um inimigo. O homem e o cavallo iam passar justamente pelo sitio ameaçado pela queda da rocha.

— Oh! não faça tal! exclamou Yegor, adivinhando a idea do parisiense.

— Não faço com certeza... se me faltar força, — mas faço-o se for ajudado pelas forças de Tekel e pelas suas — que não hade negar-m'as, Yegor!

— A que extremos quer levar-me?

— Prefere o knut? disse Lafleur.

E, em quanto fazia isto, já já fazendo alavanca de um pau comprido, com que subia os montes.

O yakute, debruçando-se sobre o abysmo, tra-

balhava por arrancar o rochedo tirando os fragmentos que o seguravam.

— Vamos, Yegor, ajude! disse o parisiense. A responsabilidade é toda minha! Assim é preciso por sua causa e por causa de Nadege! — por causa de Nadege, meu amigo!

Yegor prestou o seu auxilio, e os três conseguiram abalar a grande pedra. Deslocado o seu centro de gravidade, qualquer pequeno esforço era bastante para fazê-la cair.

Yermac avançara sem os ver, e veio passar mesmo por baixo d'elles! O mestre de dança observava com attenção os passos do homem que tinha votado á morte. Apontava o rochedo como um artilheiro aponta a peça. O yakute esperava só uma voz.

pedaços de rocha e troncos de pinheiro. O cavallo estava estendido, esmagado. O homem... que seria feito d'elle? Estaria debaixo dos pinheiros ou debaixo da pedra? Tinha desaparecido...

— Ouviam-se gritos desesperados de mulher.

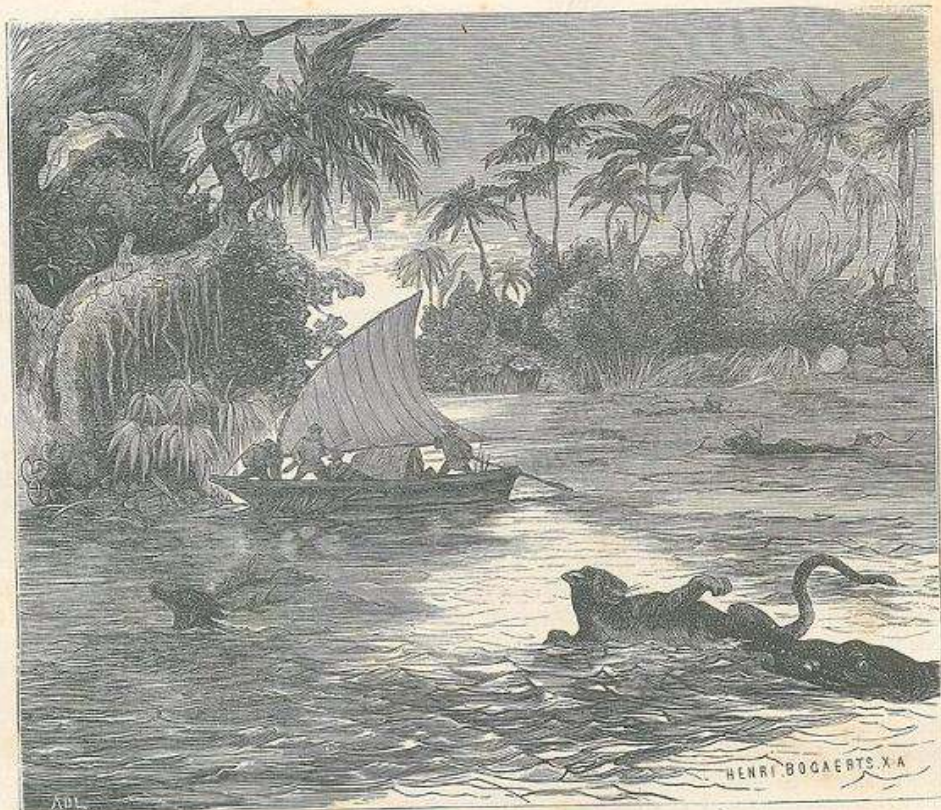
— É a voz de Nadege, balbuciou Yegor pallido e tremulo.

— Assustou-se, talvez, a pobre menina, observou Lafleur. Naturalmente julga-nos em perigo. Vamos tranquillisa-la. Agora é certo o bom exito da sua empreza, e logo que tenham atravessado os desfiladeiros tenciono deixal-os... a não ser que este negocio?... este assassinio?... Estou mettido em bons lenções para um negociante e mestre de dança! E as minhas modistas yakutes? E o meu champagne de seiva de betula? E

se assemelha ás confidencias intimas da sombra. Yegor deitou-se por vezes de bruços, pondo o ouvido no chão, sem que nenhuma vibração accusasse a approximação de algum ser vivo.

Era profunda a escuridão n'aquella garganta sinuosa, estreita, erigida de rochedos, plantada de pinheiros de ramos enormes e negros que se abrem na sombra como azas immensas de morecos. Yegor teve de accender a sua lanterna de furta-fogo e atou-a á colleira do cão. Dir-se-hia que o intelligente animal tinha consciencia do papel importante que lhe era confiado; caminhava com precaução, com o ouvido á escuta; de tempos a tempos voltava-se para ter a certeza de que era seguido pelo dono.

(Continua.)



UM DRAMA NA AGUA

— Um! dois! Larga! exclamou o parisiense.

— Perdoae, meu Deus, perdoae! murmurou Yegor.

— Viva a liberdade! disse Lafleur em voz sonora.

A pezada massa vacillou e despegou-se, esboçando com grande ruido as paredes perpendiculares, e encontrou na queda dois grandes pinheiros que arrastou consigo. O enorme bloco começou depois a saltar de rochedo em rochedo, arremessando para longe fragmentos seus, até cahir no solo produzindo um estrondo formidavel, uma detonação de artilheria.

Os tres homens, tomados de vertigem deante da grande cova, que o rochedo deixou, recuaram atterrados, fechando os olhos.

E nos logares visinhos repercutiam-se de echo em echo ribombos do trovão, que se iam perder ao longe.

O yakute foi o primeiro que ousou avançar para ver o resultado da obra. O solo, ainda branco da neve cahida na vespera, estava cheio de

os meus vidros? E a minha collecção para o museu de Chateau-Thierry?

— Bem lhe dizia eu, sr. Lafleur! exclamou Yegor.

— Não se entristeça por tão pouco! replicou o parisiense. Que quer isso dizer, se tive a fortuna de o salvar! Pois olhe... hei-de seguil-o durante a viagem inteira! Hade ser deveras agradavel voltar a Paris pelo caminho do Kamtschatka ou do polo norte. O homem é quem toca rebeca, mas Deus é quem dirige a dança!

— Vê-me tão cheio de cuidado...

— Viva a liberdade! exclamou Lafleur. E acrescentou: Vamos já, já socegar a sua encantadora noiva. Hade custar-nos menos a descida do que nos custou a subida.

VIII

A noite já tinha cahido, e nenhum som perturbava o seu religioso silencio, nem mesmo o estalar dos ramos tão frequentes nas florestas, e aquelle mysterioso sussurro das folhas, que tanto

CORRESPONDENCIA

Aurora do Valle. — Era todo de deusas o seu logogrifo, e era mais uma deusa de certo a signataria. Como queria v. ex.^a que mettessemos essa mythologia toda no *Jornal do Domingo*? Repare v. ex.^a bem! Do *domingo*! Era caso de ex-communhão infallivel! E então o nosso prior que não é para graças!

Acacio. — Quer o amigo um conselho para o seu enigma ser mais difficil? Desenhe um homem a pescar tres ou quatro pescadas muito grandes, e olhe que ninguém adivinha depois que isto queira dizer: *Pescador de grandes pescadas*! Sinceramente, por pouca saude mais valia nenhuma, e faria melhor seguindo o nosso conselho. E demais, olhe que um infeliz que se entretem a adivinhar enygmas pittorescos, e que no fim de algum trabalho chega a construir esta phrase *Pescador de grandes pescadas*, fica mais desconsolado do que o proprio pescador, se trouxesse na rede, em vez de uma pescada, um sapato velho.

EXPEDIENTE

Rogamos a todos os srs. assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de indicarem aos distribuidores as suas novas moradas.

A ADMINISTRAÇÃO

Lisboa — Typ. de Christovão A. Rodrigues, R. do Norte, 148. 1.^o